

ENTREVISTA A DIVALDINHO

5 de Setembro de 2008 – 10h30m

Casa do Sol – Pechão – Algarve

Blog de Espiritismo: Segundo a nossa pesquisa, o Divaldinho conheceu a Doutrina Espírita aos 17 anos devido a sentimentos depressivos, de tristeza e de melancolia.

Divaldinho: Eu conheci a Doutrina desde pequeno. Aos 17 anos fui sozinho à Casa Espírita, sem ser levado por ninguém, apenas pela dor por que passava.

B.E.: O que aconteceu, então, para que uma pessoa tão jovem e há tantos anos atrás se decidisse a ser espírita, numa altura em que o Espiritismo não tinha nem a divulgação nem a aceitação que já vai tendo hoje?

D.: Foi uma resolução na vida, porque, naturalmente, creio eu (os espíritos nunca mo disseram), que isto foi um trabalho previamente preparado no mundo espiritual: eu renasci com um compromisso. Naturalmente que não sou um missionário (Allan Kardec define em *O Livro dos Espíritos* que missão única na Terra é a paternidade... e eu sou solteirão!)

B.E.: E os adultos responsáveis por si como é que aceitaram esse facto?

D.: Quem me via a ir ao Centro para apenas ouvir palestras não reclamava. Quando, depois, eu fui assumindo, todos os dias, uma tarefa junto à favela ou um trabalho que me obrigava a gastar um pouco mais do dinheiro do ordenado mensal com a pobreza, eles começaram a interferir, criaram problemas, acharam que eu estava fanático, recorreram a várias pessoas... Mas eu sempre soube o que quis. Então, eu defini com eles que a minha vida era aquela e pronto: não interferiram mais.

B.E.: Mais tarde aceitaram?

D.: Aceitaram, aceitaram. Sem nenhum problema.

B.E.: O Divaldinho tem feito uma grande divulgação do Espiritismo além-Brasil. Como tem vindo a sentir a difusão e a recepção da Doutrina nos outros países que tem visitado e, nomeadamente, em Portugal?

D.: Todas de um trabalho gigantesco! Pelos europeus, pelos americanos, pelos asiáticos... É um trabalho gigantesco! Mas naturalmente que nós temos de dar ênfase ao Sr.

Divaldo Pereira Franco, que é o batalhador, que é o Paulo de Tarso dos dias modernos. Foi ele quem introduziu a Doutrina em muitos lugares. Foi ele quem criou a base, o patamar, para que hoje tivéssemos o que nós podemos ver: um movimento espírita alastrado pelo universo inteiro. Devemos isso ao Divaldo Pereira Franco.

No que diz respeito a Portugal noto uma evolução impressionante. Quando eu vim pela primeira vez em 97, convidado pela Sr.^a Julieta Marques, de Lagos, havia 62 Centros Espíritas, naturalmente que alguns não federados. Mas hoje há mais de cem Centros que eu visito... quase todos. Isso é muito importante para o movimento espírita português. A Federação Espírita Portuguesa tem vindo a desenvolver um trabalho que não é, naturalmente o mais perfeito, como o nosso também não é – não há perfeição em lugar nenhum, porque são os homens que dirigem os trabalhos. Mas estamos a colher frutos excelentes do trabalho que os portugueses estão a realizar, com muito esmero e com muita propriedade.

B.E.: E há uma grande diferença entre o Espiritismo que se vive em Portugal e o Espiritismo que se vive no Brasil?

D.: Não... não... é a mesma mescla. Aquilo que vós tendes, do meu ponto de análise, que fica em desuso, que não seria necessário, é uma prática, por exemplo, que é a comunicação de vivos. Allan Kardec afirma que isso é uma raridade. Existe... só que é uma raridade. No entanto, daquilo que eu conheço, as comunicações de vivos nas sessões mediúnicas não são de prioridade. As sessões mediúnicas são um tratamento para aqueles cujo corpo físico não existe mais. Mas é um ponto de vista... Assim como no Brasil também se recebem espíritos de crianças. Há várias sessões onde a Federação Espírita do Estado de São Paulo também aprova a recepção de espíritos de crianças. Na realidade, é uma mistificação. Não são espíritos de crianças que comunicam, ainda que com voz de criança, trejeitos de criança e mímicas. Há problemas em todos os lugares porque é o Homem quem age. Agora, em contrapartida, eu ouvi o Chico Xavier dizer, quando ele completava 87 anos de idade no seu lar, que a Doutrina é bonita, que ela é grande, porque não existe quem mande. Cada núcleo faz o seu trabalho e, dentro do conhecimento que lhes é peculiar, estão todos correctos.

B.E.: É admirável que, embora não possuamos um líder, nos consigamos manter dentro da Doutrina sem grandes pontos de fuga.

D.: Porque nós temos a base, as cinco obras básicas. Os espíritas deveriam apenas entender que a Doutrina é universal e que o ponto básico é essas cinco obras. Naturalmente

que haverá outras, de Allan Kardec, como *O que é o Espiritismo, Práticas Mediúnicas* que Kardec elaborou antes de *O Livro dos Médiuns, Obras Póstumas* ... monumental!, os 12 volumes da *Revista Espírita* que qualquer espírita deveria ler antes de ler qualquer outro livro e não lê... Tudo isto é importante, mas a graça do movimento espírita é que o pensamento único é o de *O Livro dos Espíritos* e da Codificação, que é o mais importante.

B.E.: Então, para além da Codificação, quais os outros livros e autores espíritas que considera essenciais?

D.: Naturalmente que todos esses que eu já disse, de Allan Kardec. A *Revista Espírita*, volto a afirmar, é um trabalho monumental que deveria ser lido, estudado, nas casas espíritas, e as obras dos clássicos: Léon Denis, Gabriel de Dellane, Aksakof, Ernesto Bozzano e outros estudiosos do passado. É a base em que se forma o espírita. Não adianta lermos outros tantos médiuns excelentes, se deixarmos a Codificação de lado. Em muitas palestras que eu realizo nos Centros, digo: “Quem não tem *O Livro dos Espíritos*, não compre o nosso livro. Compre *O Livro dos Espíritos*.” Porque é o básico. Não adianta comprar o livro do Divaldinho para auxiliar a obra no Brasil e não ter *O Livro dos Espíritos*. Não compensa.

B.E.: Gostaria de partilhar connosco algum episódio que o tenha marcado de forma especial numa destas suas visitas ao nosso país?

D.: Para mim, com toda a honestidade, todas são especiais. As pessoas são superacolhedoras, gentis, amáveis... O público português é uma coisa!... Acredito que seja até mais doce do que pudim de ovos! É impressionante! Sou muito bem tratado, sou amado pelos portugueses de uma forma muito carinhosa e sincera. Naturalmente que há divergências nalguns pontos: a forma, o que eu às vezes faço, uma afirmação... Até agora, na experiência que tenho, eu não devo nada aos portugueses no sentido em que me tenham feito algo em termos particulares. Fazem para a obra, para a Doutrina, o que é uma coisa importantíssima! E eu também não trabalho para os homens. Eu sou espírita. Trabalho para a divulgação do Espiritismo.

A opinião que eu às vezes dou sobre, por exemplo, a comunicação de vivos, como sobre outras comunicações, leva a que algumas pessoas me reportem como um pouco rude... Mas não sou... É que, se Allan Kardec afirma que a comunicação de vivos é rara, nós temos de eliminar a maioria delas, que é muito corriqueira no vosso país. É muito corriqueira! Como existe no nosso país a comunicação de crianças, como já vos disse. Mas eu gostaria até de deixar isso expresso, escrito, que isso é a forma com que cada um vê e a angula as coisas. Eu

não poderia ver um problema, a pessoa pedir-me a opinião com toda a sinceridade e dizer-lhe: “Aaahhh! ‘Tá tudo bom! Continua!...” Não. Não faria isso. Eu daria uma opinião, veria o que é que a Doutrina diz, quais os prós e os contras... veria o que realmente se pode deduzir de melhor para o movimento espírita português, ou brasileiro, ou, se calhar, suíço também.

B.E.: E fora do movimento espírita, já se sentiu maltratado ou mal recebido de alguma forma?

D.: Nem uma vez. Nada. Onde vou, sou muito bem tratado no vosso país, tanto quanto no nosso. Nunca, nunca, nunca, nunca...

B.E.: Mesmo por pessoas que não sejam espíritas...

D.: Não, mesmo por pessoas que não sejam espíritas. Aliás, os mais complicados são os espíritas. Os mais problemáticos. Como, por exemplo, na evangelização infanto-juvenil. Os pais espíritas não levam os seus filhos à evangelização infanto-juvenil, quando deveriam levar, porque o maior património que se pode legar ao filho é dar-lhe religiosidade. Se o pai é espírita, é inconcebível que não o leve à Doutrina Espírita. Se as crianças não vão à evangelização, os culpados são os pais na actualidade porque, a meu ver, são frouxos na educação. “O menino, amanhã, tem aulas logo pela manhã”. Ora, o universo inteiro tem aulas de manhã! Toda a gente tem de trabalhar. Toda a gente tem de fazer as suas coisas! A dona de casa tem um trabalho gigantesco que ninguém vê, mas ela tem de estar de pé, com o comer pronto, o café, o pequeno-almoço pronto... tudo organizado! Agora, por que é que o miúdo não pode vir ao Centro uma hora na aula de evangelização infanto-juvenil e depois retornar para casa ou ir fazer os deveres da escola? Mas não. Eles encontram sempre um ponto, a mãe e o pai também, de que ele precisa de ficar a fazer os deveres da escola. Acha que ele fica a fazer os deveres da escola quando tem uma playstation, um portátil, um box ou qualquer outra coisa?! Qual quê! Eles ficam a brincar! A dinamização tem de ser feita na base dos pais: consciencializar os pais, porque se os pais não trazem os filhos, não dá... não há crianças....

B.E.: O que é ser um orador espírita? O que deve ele, como orador, ambicionar e evitar?

D.: Como orador não deve ambicionar nada, a não ser, se for pelo lado positivo, ambicionar estudar. Ler. Quanto mais ler, o orador espírita, melhor e mais fluente será a sua palavra. O orador espírita deve estar também ligado à obra social. Em Portugal é mais complicado... mas pelo menos ter tempo para ouvir as pessoas necessitadas, falar-lhes com

ternura, ouvir os dramas que cada um de nós tem... e é isso que falta no movimento espírita: ter um pouco mais de paciência. Para o orador, é importantíssimo saber avaliar a dor do outro, o problema que o outro carrega... isso dá para quem fala uma vivência melhor dentro dos postulados espíritas, sem que com isso sejamos santos... embora haja muitas pessoas que queiram colocar uma vestimenta de santo sem o ser. Não leva a lugar nenhum. Nós somos criaturas humanas. O *Evangelho Segundo o Espiritismo* aconselha que vivamos como vivem os homens do nosso mundo, embora com a compreensão de que do mundo não somos.

B.E.: Como orador de grande projecção, o Divaldinho já enfrentou muitas tentações? Se sim, como as tem contornado?

D.: Em primeiro lugar, eu não sou orador. Eu faço um trabalho de exposição da Doutrina. Não tenho consciência de que seja orador, de forma alguma. No meu país, por exemplo, saio pouquíssimas vezes. Venho mais é para fora do Brasil. Como diz o velho ditado popular, «santos de casa não fazem milagres». Então... eu não sou conhecido no Brasil, como orador espírita. E, para dizer a verdade, por o não ser, nunca enfrentei nenhum problema concernente a nada, porque, na verdade, eu venho e dou um recado que os portugueses estão cansados de ouvir... A minha verve, por exemplo, ela é diferenciada acredito que pela voz (as pessoas falam da voz), mas os temas são todos oriundos da Doutrina, não há uma diferença. A única diferença é a forma de expor. O Divaldo Franco expõe de uma forma, o Raul Teixeira de outra... o Carlos Bacelli... O Lucas expõe de uma forma, o Luís de Almeida de outra forma, a Dr.^a Lígia, o Rosado, cada um coloca de uma forma... Mas no fundo é a mesma coisa, a não ser uma história diferente, ou uma colocação, um ponto de vista diferenciado... Mas, posso dizer, não tenho tido, nunca tive, um problema concernente a isso. Tenho a insatisfação das criaturas humanas, que é muito natural.

Recordo-me que uma das vezes que estive numa cidade, cujo nome a caridade manda não dizer, uma senhora na fila disse assim:

- Por favor, dá-me um autógrafo no livro?

E eu respondi:

- Pois não! Qual é o nome da senhora?

- Não vou dizer!...

- Minha senhora, mas se a senhora não disser o nome, eu fico impossibilitado, porque eu não recordo...

- Mas como não?! É o quinto livro que eu compro do senhor e o senhor não sabe o meu nome?!

E ela virou-se para mim e disse assim:

- O Divaldo Franco sabe o meu nome de cor e salteado!...

- Mas ele é médium, é um homem que tem uma cabeça fenomenal!... e eu sou um pobre indivíduo que não tem recursos... Então... diga-me o seu nome...

- Não digo!...

Aí, fiz-lhe a dedicatória com muito carinho e, terminando, ela olhou para mim e disse assim:

- Pois é, meu nome é ...

E disse o nome dela e eu nunca mais esqueci, porque foi um choque! Mas é a frontalidade do português.

B.E.: Um orador espírita deve procurar que a sua mensagem chegue a todos. Como faz para a fazer chegar a um público tão heterogêneo, composto por uma grande percentagem de iliteratos e outra tanta de gente culta, que à partida exige um discurso mais complexo?

D.: Eu não tenho a noção exacta de como eu faço chegar isto ao público... eu ouço palestras de muitos oradores conferencistas de renome no nosso país. Há muitas conferências, porque não tenho recursos e não tenho cultura do mundo, em que eu tenho dificuldades, também, de entender muita coisa. Então eu parto do seguinte princípio: se a grande massa não tem a condição de entender, não estou julgando por minha incapacidade, mas conhecendo a população da cidade em que vivo ou de outros lugares ou até mesmo como Portugal... eu vejo que as pessoas, não tendo conhecimento, não entendem também. Se perguntar, elas entenderam uma piadinha, um gracejo, uma historinha, uma historieta... no contexto geral do tema, aquilo que ficou foi “Ai que linda foi a prece final!”, “Que poema maravilhoso!” ou “Que verso maravilhoso declamou o orador!”. Então, eu parto da seguinte premissa: falar dentro do contexto doutrinário com as experiências vividas, porque aí agrada a gregos e a troianos. Mas sem atingir em profundidade... porque poderia fazer um estudo através da Internet, através dos recursos que hoje o mundo tem, falando sobre a física quântica, apresentando uma série de facetas, tudo isso com o data show, lendo e explicando... mas não é cultura minha, é cultura do datashow... Mas poderia versar sobre isso. No final, pouquíssimas pessoas aproveitariam. Recordo-me do Chico Xavier quando afirmava que quem vai ao Centro precisa de consolo para a alma carente e aflita dos dramas, dos conflitos, dos problemas do dia-a-dia. Eu chego a essa conclusão: que se nós conseguíssemos falar ao coração da criatura humana, seria importantíssimo.

B.E.: Sem nunca negligenciar o aspecto racional...

D.: Não, não se pode! A Doutrina é racional. Se abordar um tema d' *O Livro dos Espíritos*, ele é para a pessoa mais culta como para a pessoa mais simples. Pode-se narrar uma experiência fantástica, até mais cultural, e uma outra que seja mais amena, do dia-a-dia da vida da criatura. Vejamos as conferências do Divaldo Pereira Franco, que é orador por excelência. Naturalmente que uns gostam e outros não gostam... uns falam de uma oratória arcaica, outros de uma oratória maravilhosa... Eu sou apaixonado, porque é um homem extraordinário, um homem que é modelo no nosso país! Quando ele fala ao coração das pessoas, a palestra alcança 100 % da ibope, tanto para os mais cultos quanto para os mais leigos e todos a entendem. Quando ele fala para os acadêmicos, para o homem de cultura, de ciência, a palestra alcança 40 % (40 % é muito. Eu estou a ser generoso), porque a maioria que vai ao Centro, que vai assistir à palestra, tem uma cultura é mediana... então fica sem entender.

B.E.: E o que dizer dos oradores que pelo discurso demasiado simplista acabam por desmotivar as pessoas que procuram o Centro movidas pela curiosidade relativamente ao conhecimento da Doutrina?

D.: Aí estão os dois opostos. Nem tanto no cume da montanha nem tanto no sopé. Porque se os Centros Espíritas também não se agilizarem, se os oradores começarem a usar a tribuna para dizer: “Todo o mundo tem de se melhorar, reformar, porque a Doutrina manda fazer a caridade, a caridade e a tolerância...”, se não houver uma profundidade, uma análise do tema estudado, mesmo que simples, as pessoas desanimam do Centro.

A juventude não vai ao Centro. Porquê? Porque chega lá e vai ouvir o orador, mas ele não tem ânimo, não tem voz, não ajuda com a sua dicção, fala mole, dá sono no povo e ainda quer fazer uma hora de palestra, quando deveria ser de 30 minutos!... A população hoje não tem fôlego, as pessoas estão cansadas, os dias são exaustivos, a vida é exaustiva, há o querer ganhar dinheiro para se sustentar... que também é um ledor engano às vezes. Trabalha-se demasiadamente, entendendo-se que, com o pouco com que se vive, se vive muito bem... mas criou-se um conceito e o mundo apresenta isso. Veja hoje os telemóveis, por exemplo: cada dia há um novo e toda a gente quer um novo. E aí vai-se acordando cada vez mais nas dívidas... e o mundo... não se sabe onde vai parar, mas é por conta de Deus que é o Criador. Ele é que tem de resolver o problema.

B.E.: Uma leitura da Codificação, e até mesmo de alguns resumos a que se pode aceder, permite-nos ter uma ideia do que é o Espiritismo. Mas... e o que é ser Espírita?

D.: Ser espírita é ter a consciência do dever rectamente cumprido. Consciência tranquila. De que devemos fazer a outrem, como nos ensinou Jesus, tudo o que deveria ser feito a nós. Tudo o que desejamos... fazer a outrem. É básico. Allan Kardec afirma que se conhece o verdadeiro Espírita, ou Cristão, pelos esforços que empreende para domar as más inclinações ou tendências. É corrigir-se constantemente. É o que faço todos os dias da vida!... Sem lograr muito êxito. Porque cada um de nós tem um temperamento, cada um de nós tem uma posição de encarar a vida, cada um de nós tem, por experiências múltiplas de outras reencarnações, um jeito de ser, de estar... ninguém muda a nossa opinião de uma hora para a outra.

B.E.: Qual a sua opinião sobre as colónias espirituais? Os relatos serão figurativos, concretos ou efabulações totais?

D.: Todas as colónias descritas na obra de Chico Xavier são reais, verdadeiras, comprovadas, incontestáveis... Nota mil! É uma realidade ímpar! O mundo dos espíritos é real e verdadeiro. O nosso mundo é irreal, ele termina. O mundo dos espíritos transposto para a literatura não chega, na realidade, a 70% de veracidade da forma que o é. Tudo o que nós vemos no mundo físico é fantástico. Hoje vemos um arranha-céus de setenta andares que gira! Na Terra! O mundo espiritual é cinquenta mil vezes mais encantador! Porquê? Porque o nosso mundo é uma cópia do mundo verdadeiro... imperfeita! Lemos n' *O Livro dos Espíritos* que os espíritos afirmam que a nossa música (Mozart, Bach, Chopin, Mendelssohn, Tchaikovsky) é, comparando-se ao mundo dos espíritos, equiparada ao som dos tambores dos "selvagens indígenas". Veja que comparação! E Tchaikovsky, ou Mendelssohn, ou Mozart ou Chopin... é de tirar o couro da gente! É lindo!!! Eu sou apaixonado! E eles dizem que são apenas tambores. É uma ofensa até, não é?! A Mozart é uma ofensa! A Chopin é uma ofensa! Então... imagine... É verdade aquilo que dizem. É melhor, é mais bonito... muito melhor do que nós podemos imaginar. Há, no movimento espírita, vários autores, que não me cabe aqui analisar, que poderíamos pôr de quarentena e ficar apenas com a base de Chico Xavier. Já está ótimo! Não descrendo os leitores em muitas obras que são de rara beleza, como as de Yvonne Pereira, como outras tantas que vêm relatando. Agora... tem de ser uma análise de cada criatura... e a minha crença é esta.

B.E.: E o que acha sobre a evolução anímica? Os animais são sempre animais ou....?

D.: Não. A Doutrina coloca essa evolução, perfeita, nos quatro reinos. Os três reinos... é o normal: mineral, vegetal e animal. O hominal seria o quarto reino, que não é científico ainda. Essa evolução é fantástica!

B.E.: Em termos reencarnacionistas, nós já passámos por esses reinos.

D.: Todos esses reinos. Todos, todos. Agora... o que não se sabe é em que momento o Criador dota o indivíduo de inteligência. Se é, por exemplo, no mundo, se é no mundo superior... onde o Criador tem este laboratório ou como é que se dá: se se dá na Terra... Eu acredito que seja no mundo dos espíritos, onde esse indivíduo que sai da fase animal para a hominal, dotado da inteligência. Ele é criado simples e ignorante.

B.E.: Como se explica o sofrimento por que passam alguns animais e algumas plantas, uma vez que, ao contrário de nós, são destituídos do livre-arbítrio e, assim, incapazes de accionar a lei da causa e efeito?

D.: Contingências do Homem. Em *O Livro dos Médiuns*, fala-se da influência do meio. Diz o Chico Xavier que todo o animal maltratado... o Homem responderá por isso.

B.E.: E quanto aos animais que nascem já defeituosos?

D.: Contingências do processo da reencarnação deles. Por exemplo: Se se chuta um cachorro hoje, não dá nada. Se se o chuta amanhã, se se o maltrata, se se o põe numa corrente curtinha... amanhã ele renasce com um problema...

B.E.: Tem a ver com o perispírito, portanto...

D.: Tem, tem... Ele pode nascer cego por um problema congénito, por um problema físico, por adoecer, pela alimentação... Por isso é que André Luiz diz que nós temos de ter o maior respeito para com os nossos irmão inferiores da criação. O maior respeito. Nós podemos pescar? Podemos. Mas não precisamos de encher uma arca inteira de peixes. Podemos matar um coelho, se for necessário para quem não tem a carne para comer? Naturalmente! Ele vai ajudar o processo da evolução. O mais fraco ajuda o mais forte. O mais culto ajuda o ignorante. Tudo isso é importante na cadeia alimentar. Tanto é que Allan Kardec escreve que a carne nutre a carne. Há pessoas que não necessitam. Alcançaram um outro patamar. Agora, a pessoa diz assim: "Eu não como os nossos irmãos inferiores." Mas usa sapato de coiro, usa cinto de coiro, usa bolsa de coiro da Luís Vuitton, da Channel, do Victor Hugo... ela usa a bolsa, mas não come a carne. Quer dizer, pendura o animal na estola, mas...

então surge a anemia, o processo infeccioso, a leucemia por falta da proteínas... No nosso momento, a carne nutre a carne, embora haja pessoas que tenham organismos apropriados. É como a homeopatia. Quando a criança é tratada desde o início, obtém resultados muito mais favoráveis do que eu que, com 54 anos, nunca tive esse tipo de tratamento. Vai ser muito mais complicado. Hoje há uma prevenção para os dentes da criança que vai nascer. Eu, em criança, perdi os dentes porque o meu pai não podia tratar de dentes. Dava comida, mas o dentista não tinha valor. Então...É a vida. E a vida é uma escola.

B.E.: Nos dias de hoje ainda muita gente pensa que Espiritismo é sinónimo de bruxaria, previsões do futuro ou simplesmente consultar "os mortos" para ajuda no trabalho, amor, etc. Que argumentos usa o Divaldinho para desmistificar esta crença que teima em permanecer?

D.: Quando se trata de uma pessoa que crê, eu aprendi com o Chico Xavier a respeitá-la. Exigir de mim o máximo e respeitar o outro que é ignorante. Quando ele senta comigo e diz assim: “Eu quero entender. Existe mesmo?”, eu digo que não existe, porque ele está a pedir uma ajuda. “Olhe, eu gostaria de entender. Disseram-me mau-olhado, que a pessoa fez mau-olhado para mim”. Então eu sento, digo que não há mau-olhado, que não existe bruxaria, que não existe bruxedo, que os espíritos riem e zombam daqueles que assim o crêem, e explico o que é que ocorre a nível de sintonia quando nos afixamos a um problema e criamos uma sintonia mental. É isso que eu explico.

É muito comum, no Brasil e em Portugal, e em qualquer lugar, as pessoas espíritas perguntarem: “De que signo é?”. O Espiritismo não acredita em signos. Mas 90% dos espíritas acredita no signo. Eu tenho amigos espíritas aqui em Portugal que vão à procissão. É um hábito. Foram criados nisso. Mas... eu, com a minha crença, ficar a fazer uma promessa, é inconcebível! Não se justifica nos dias actuais. Há abertura, mas as pessoas estão presas... Não estou a criticar. Estou a dizer que ocorre. É o sentido de salvação que ainda paira neles.

B.E.: São muitas reencarnações nossas...

D.: São muitas. Quantos os Centros Espíritas dirigidos por um director espírita mas cuja vivência é católica de um passado remoto!... Então, o Centro que ele dirige parece uma igreja.

B.E.: Sente isso nalguns Centros?

D.: Perfeitamente!

B.E.: Nessas alturas o Divaldinho diz alguma coisa aos dirigentes?

D.: Quando mo perguntam. Porque eu aprendi com o Chico Xavier a respeitar ao máximo aquilo em que crêem. E Emmanuel diz: “Quando você não pode modificar a ideia do outro na questão da fé, respeite-a na sua fé, para não causar nela um tormento maior.” Porque às vezes você pode dizer: “Não! Isso não existe! Larga a mão disso!” A pessoa não tem segurança, não tem firmeza doutrinária e cria uma perturbação mental. E você é culpado. Então é preferível respeitar. E outra coisa: no movimento espírita há uma briga descabida. A D. Yvonne do Amaral Pereira, que é a autora do livro *Memórias de um Suicida*, disse-me um dia: “Eu cansei de brigar com o movimento espírita. Não devia ter feito isso.” E, depois de morto o corpo dela, ela apareceu ao Chico Xavier e disse: “Arrependo-me de ter brigado tanto com o movimento. Deveria ter feito mais luz.” Porque ficou brigando. Não resolve brigar. Há que respeitar. Fazer o seu trabalho e fazê-lo crescer. Agora... se o outro faz assim, assado ou cozido... cada um tem de seguir as suas afinidades para trabalhar. Por isso é que não há um coordenador geral do movimento espírita português, ou brasileiro, ou suíço, ou italiano, ou checo ou dinamarquês... Não. Existe um consenso que é a obra básica. Entretanto, veja: Joanna de Ângelis dirige o trabalho com o médium Divaldo Fanco, o Camilo dirige a obra com Raul Teixeira, o irmão José com Bacelli... outros tantos... o Emmanuel com o Chico Xavier... então, cada um tem uma característica. Porquê? Porque são espíritos de evolução que se estão também a aprimorar. Têm a sua visão particular do tema. Emmanuel, que estava num contexto diferenciado, mesmo assim tinha opiniões particulares, como toda a gente tem. Então, todo o mundo tem de respeitar o trabalho do outro e cada um vai tecendo o seu trabalho.

B.E.: E assim vamos crescendo...

D.: Toda a gente cresce, se houver respeito para com os outros.

B.E.: Que mensagem gostaria de deixar aos leitores e também à equipa do Blog de Espiritismo?

D.: Eu fico muito feliz com o trabalho que vocês, que a equipa inteira, estão a realizar. Dou-vos os parabéns por este trabalho. Fico agradecido pela oportunidade que me deram de responder a algumas questões. Fico triste por não respondê-las como deveriam ser respondidas... Mas estou imensamente grato a toda esta equipa. Um abraço sempre generoso, carinhoso.

E aos leitores, que aproveitem da experiência de todos aqueles que estão no blogue para estudar com mais afinco a Doutrina. Não é crer apenas naquilo que eu estou a dizer, mas estudar. Estudar a Doutrina. Ou escrever para quem foi entrevistado e esclarecer algumas dúvidas se acaso houver uma resposta que possa ter ferido a susceptibilidade de alguém. Eu também peço desculpas pelo modo simples de explicar. Mas quando há diálogo sincero, quando há conversações sinceras, em torno de qualquer ponto, lograremos chegar a um denominador comum de todas as coisas... porque a vida é matemática. Se é matemática, há uma solução para cada problema apresentado.

B.E.: Quer deixar algum endereço através do qual algum leitor o possa contactar?

D.: Há o *site* do Maria de Nazaré: <http://www.mariadenazare.com.br/>; o e-mail: didier@terra.com.br e o telefone: 00.55.17.34212176.